

VICTOR DE OLIVEIRA

Teatro x

INCÊNDIOS

DE WAJDI MOUAWAD

13-14 DEZ 2019

SEX 21:00

SÁB 19:00

Grande Auditório

Duração 3h30 com intervalo

M/16

Nasci em Moçambique em 1971, durante a guerra da independência, e vivi lá até 1978, no início da guerra civil, que duraria até 1991. Passei a minha infância em Moçambique, a minha adolescência e a vida de jovem adulto em Portugal, e vivo e trabalho em Paris há vinte anos. Regressei a Maputo pela primeira vez em 2006 para a apresentação do espetáculo *Na solidão dos campos de algodão*, de Bernard-Marie Koltès. Depois voltei mais duas vezes para dirigir oficinas de formação para atores e encenadores. Foram experiências muito importantes no meu percurso. Não apenas porque voltava à minha cidade natal para fazer teatro com artistas moçambicanos, mas também porque o reencontro obrigava a interrogar-me sobre a minha relação com a dramaturgia e a criação contemporânea.

Nas oficinas em Maputo, trabalhei a partir de *Executor 14*, de Adel Hakim, e *Cinzas sobre as mãos*, de Laurent Gaudé. Dois textos extremamente diferentes, mas que se tocam no questionamento da guerra e dos seus horrores. Era importante para mim confrontar estes textos com a realidade moçambicana. Queria que a história da guerra pudesse ser sentida pelos participantes e pelos espectadores da apresentação final. Ficou enraizada uma grande vontade de criar um espetáculo em Moçambique. Este espetáculo viria a ser *Incêndios*.

Em 2007, estava a ensaiar um espetáculo em Lausanne com uma companhia suíça. Fazia parte do comité de leitura do Festival de Teatro Contemporâneo francês La Mousson d'été e tinha levado vários textos de teatro para ler e comentar. O acaso fez com que lá estivesse *Un obus dans le coeur*, de Wajdi Mouawad. Era a primeira vez que lia um texto desse autor libanês-canadiano sobre quem muito me tinham falado. Foi um choque. Não apenas porque senti que tinha uma força dramática incrível, mas sobretudo porque tive, literalmente, repetidos pesadelos por causa de uma passagem que descreve uma situação de guerra, com carros em fogo, militares e tiros de metralhadoras. Depois de várias noites sofridas, telefonei ao meu pai em Lisboa e perguntei-lhe sobre a origem dos meus pesadelos. Ele disse-me que não tinha acontecido nada, não se lembrava de nada relacionado com fogo e metralhadoras. Mas como insisti contou-me, por fim, a história de um incidente em Maputo, na minha infância, que o meu consciente tinha apagado... Ainda em Lausanne, conheci dois atores do Quebec que tinham trabalhado com Mouawad. Quando contei o que se tinha passado aquando da leitura do texto, aconselharam-me a escrever-lhe. Foi o que fiz.

Cinco anos mais tarde, em 2012, integrei o elenco de *Incêndios* do encenador francês Stanislas Nordey.

Wajdi Mouawad apareceu na última apresentação no Théâtre des Quartiers d'Ivry, em Paris. Finalmente encontrámo-nos. Reconhecemo-nos. Dois meses depois, perguntou-me se queria interpretar Édipo e Ajax nas peças do Sófocles que estava a preparar para a temporada seguinte. Uma relação de “camaradagem artística” começou nesse momento.

Estamos agora em 2019. Acabei de atuar em *Tous des oiseaux* no Théâtre National de La Colline, onde Mouawad é diretor artístico, e continuamos a nossa colaboração e os nossos questionamentos sobre os “acazos que criam sentido” e sobre o desenraizamento, o exílio e a identidade.

Passaram doze anos desde o meu primeiro regresso a Moçambique e o encontro com a escrita de Mouawad, e neste período cresceu a vontade de criar *Incêndios* em Moçambique. Muito mais do que uma vontade, foi uma evidência. Uma evidência que se tornou incontornável quando a partilhei numa leitura do texto com os atores, em julho de 2018, em Maputo. Sentíamos cada palavra como se saísse de dentro de nós e, ao mesmo tempo, sabíamos que havia matéria de trabalho abundante que não cessaria de nos interrogar, de nos animar.

Alguns dos atores, os colaboradores, o Mouawad e eu temos em comum termos vivido uma guerra civil durante a nossa infância. *Incêndios*, como todas as peças de Mouawad, está impregnada do confronto brutal entre o panorama épico da guerra e do exílio e a fragilidade do ser humano na sua intimidade. O humano, sempre. O que é particularmente impressionante no seu teatro é a ideia de que “está lá tudo”. O humor mas também a tragédia. Não a provocada pelos deuses, mas antes a tragédia humana, do mundo abominável e comovente de Wajdi Mouawad.

Victor de Oliveira

A ORIGEM

Aquele que tenta encontrar a sua origem é como um caminhante no meio do deserto que espera encontrar, atrás de cada duna, uma cidade. Mas cada duna esconde uma outra e a fuga não tem fim. Contar uma história obriga-nos então a escolher um princípio.

O nosso princípio talvez seja a morte dessa mulher que, há muito tempo, decidiu calar-se, para nunca mais falar. Essa mulher chama-se Nawal e vai ser enterrada em breve. A nossa história talvez comece pelas suas últimas vontades, destinadas a Joana e Simão, os seus filhos gêmeos.

Mas talvez o nosso princípio seja essa mulher jovem que, acabada de sair da infância, cai de repente na sua verdadeira vida, trazendo nela um amor adolescente e uma criança. Essa jovem mulher chama-se Nawal. Talvez seja aí que começa a nossa história, mesmo antes que a sua vida se parta. E *Incêndios* seria então a história de Nawal e de uma obstinação a ler, a escrever e a pensar para dar um sentido às coisas que a ultrapassam.

Talvez a nossa história comece por um território devastado por uma guerra civil e ocupado por uma armada inimiga. *Incêndios* seria então a história de uma resistência.

O espetáculo segue em paralelo cada uma dessas três histórias que estão intimamente ligadas porque cada uma encontra a sua origem na outra. *Incêndios* é então a história de três histórias que procuram o seu princípio, de três destinos que procuram a sua origem para tentar resolver a equação das suas existências e tentar encontrar, atrás da duna mais escura, a fonte de beleza.



WAJDI MOUAWAD

Autor, encenador e ator, nasceu no Líbano, em 1968, onde passou a sua infância, em seguida a sua adolescência em França e os seus anos de jovem adulto no Canadá, antes de se instalar em França. Estudou Interpretação na Escola Nacional de Teatro, em Montreal. Com a atriz Isabelle Leblanc, funda a companhia Théâtre Ô Parleur. A sua carreira de autor e encenador começa aí levando à cena os seus próprios textos. Escreve e encena *Incêndios* (2003), apresentado no Teatro Et Cetera de Moscovo e adaptado para cinema por Denis Villeneuve, em 2010 (selecionado para melhor filme em língua estrangeira na 83.ª Cerimónia dos Óscares). Artista associado do Espace Malraux, Scène Nationale de Chambéry et de Savoie (2008 a 2010) e da 63.ª edição do Festival de Avignon, onde apresenta o ciclo *O sangue das promessas* (*Litoral, Incêndios, Florestas, Céus*). É diretor artístico do Théâtre Français do Centre National des Arts d'Ottawa, entre 2007 e 2012. De 2011 a 2016, é artista associado do Grand T – Théâtre de Loire-Atlantique, em Nantes. Em 2008, escreve, encena e interpreta *Seuls*, que ainda hoje está em digressão. Em 2011, escreve e encena *Temps*, na Schaubühne, em Berlim. Apresenta as sete tragédias de Sófocles, em três ciclos: *Des Femmes* (*As Traquínias, Antígona e Electra*, 2011), *Des Héros* (*Ajax e Édipo Rei*, 2014) e *Des Mourants* (inspirado em Filoctetes e *Édipo em Colono*, 2016). A integral das sete peças foi apresentada no programa do Mons – Capital Europeia da Cultura. Foi distinguido com o Prix de la Francophonie pelo conjunto da sua obra, o Grand Prix do Teatro da Académie Française e nomeado Cavaleiro da Ordem Nacional das Artes e Letras e Artista da Paz. Em 2016, é nomeado diretor do Théâtre National de La Colline, em Paris. As suas peças e romances foram traduzidos e publicados em mais de vinte línguas e apresentadas por todo o mundo.

VICTOR DE OLIVEIRA

Nasceu em Moçambique, em 1971. Começou a fazer teatro em Lisboa com Luís Miguel Cintra, João Brites, Aldona Lickel, Fernanda Lapa, João Grosso, entre outros. Em 1994, entra no Conservatório Nacional Superior de Arte Dramática de Paris. Desde então, tem trabalhado em Portugal, Suíça, Bélgica, Inglaterra e Luxemburgo, mas sobretudo em França. Em 2014, trabalhou sob a direção de Wajdi Mouawad em *Des Héros* (*Édipo Rei e Ajax*, de Sófocles), estreado no Grand T e reposto em digressão internacional até à apresentação de *Ajax*, em 2016, no Théâtre National de Chaillot, em Paris. Em 2015, integra o espetáculo *A ce projet personne ne s'opposait*, de Marc Blanchet, a partir do mito de Prometeu, apresentado no Théâtre National de La Colline. Em 2016, com o encenador Stanislas Nordey, entra em *Incêndios* e em *Erich Von Stroheim*, de Christophe Pellet, estreados no Théâtre National de Strasbourg. Nesse mesmo ano, traduz, interpreta e encena *Final do amor*, de Pascal Rambert, na Culturgest. Em 2017, é novamente dirigido por Wajdi Mouawad em *Tous des oiseaux*, texto e encenação do autor, estreado no Théâtre National de La Colline. Entre 2004 e 2011, é membro do Comité de Leitura do Festival de La Mousson d'été. Frequentemente convidado para leituras radiofónicas na Radio France, France Culture e Radio France International, desenvolve um trabalho de formação junto de jovens atores. Colabora com a École Supérieure d'Art Dramatique de Paris e é professor de Teatro no Instituto de Estudos Teatrais da Universidade Sorbonne-Nouvelle, Paris 3.

DAVID AGUACHEIRO

Artista plástico, cineasta, fotógrafo e designer de comunicação. É docente no curso de Cinema do ISArC–Instituto Superior de Artes e Cultura. Membro fundador e presidente do conselho fiscal da associação Vídeo Arte Moçambique. Participou em várias exposições e residências dentro e fora do país como *Being and Becoming* (2016), *!Kauru Contemporary Art from Africa* (2007–2016) e no Museu Nacional de Arte de Moçambique.

NANDELE MAGUNI

Maputo, Moçambique (1981). Filho do primeiro diretor negro da Rádio Nacional de Moçambique, pós-independência. Muito influenciado por Fela Kuti, Kanda Bongo Man, Hugh Masekela, Steven Kakana e Miriam Makeba, nos anos 90 já mixava *freestyle* hip-hop na National Union of Journalists. Em 2004, fez parte do Projeto Kamufado. Começa a compor e a incluir nos seus concertos projeções com o projeto Awesomakossa. Em 2013, é convidado a fazer *mixes* com o cantor Azagaia e o grupo Cortadores de Lenha, dois dos grupos mais emblemáticos de Moçambique. Lança o seu primeiro EP instrumental, *Argolas deliciosas*, e continua a colaborar com outros grupos moçambicanos e coreógrafos contemporâneos.

CALDINO PEREMA

Nasceu em Moçambique. Trabalha regularmente como operador de luz no Centro Cultural Franco-Moçambicano, no Teatro Avenida, no Centro Cultural Universitário e na Escola Superior de Teatro. Fez o desenho de luz para vários artistas moçambicanos, como Panaibra Canda, Idio Chichava, Pak Ndjamena, Edna Jaime, Lucrécia Paco, Horácio Macuacua, Rogério Manjate, Elliot Alex, entre outros.

TEXTO

Wajdi Mouawad

ENCENAÇÃO

Victor de Oliveira

COM

Elliot Alex, Rita Couto, Horácio

Guiamba, Bruno Huca, Ana Magaia,

Alberto Magassela, Josefina

Massango, Eunice Mandlate,

Rogério Manjate, Sufaida Moiane

MÚSICA

Nandele Maguni

VÍDEO

David Aguacheiro

DESENHO DE LUZ

Caldino Perema

FIGURINOS

Isis Mbaga

DIREÇÃO TÉCNICA

E OPERAÇÃO DE LUZ

Diane Guerin

ASSISTENTE DE ENCENAÇÃO

Venâncio Calisto

TRADUÇÃO

Manuela Torres

PRODUÇÃO

Centro Cultural

Franco-Moçambicano (Maputo)

COPRODUÇÃO

Culturgest

Le Grand T – Théâtre de Loire-Atlantique (Nantes),

Centre Dramatique National de l'Océan Indien (Ilha da Reunião) APOIO

Institut Français (Paris),

DAC Réunion (Ilha da Reunião),

Kinani - Plataforma Internacional de Dança Contemporânea (Maputo), Théâtre National de La Colline (Paris)

ADMINISTRAÇÃO, DIFUSÃO
En Votre Cie (Paris)

Cofinanciado pelo Programa Europa Criativa da União Europeia no âmbito do projeto Create To Connect / Create To Impact

CREATE TO (RE)
CONNECT (THE)
CREATE TO (HOW)
IMPACT (FOR)



Brevemente

JOHN ROMÃO

Teatro x

VIRGENS SUICIDAS

15-18 JAN

QUA-SEX 21:00

SÁB 19:00

Grande Auditório

Duração 75 min (aprox.)

M/16

TÂNIA CARVALHO

Dança x

ONIRONAUTA

30 JAN-2 FEV

QUI-SEX 21:00

SÁB 19:00

DOM 17:00

Grande Auditório

Duração 60 min

M/6

Culturgest